



Neamp

Manifs tomam as ruas de Paris

Marcelo Burgos*,

Há muito tempo que a greve se faz presente na sociedade francesa. Estas manifestações também sempre foram muito registradas, seja por fotografia ou outros meios. No campo fotográfico, podemos citar diversos fotógrafos como Robert Capa, Willy Ronis, Henri Cartier-Bresson, Robert Doisneau, que já registraram a greve.

A greve na França é um fenômeno que atinge efetivamente toda a população, homens e mulheres, de todas as idades. Afinal, suas ocorrências históricas possibilitaram a conquista de diversos direitos sociais como férias remuneradas, diminuição da jornada de trabalho, descanso semanal, salário mínimo e, mais recentemente, a semana de trabalho de 35 horas.

Às vezes ela acontece em uma só categoria como os mineiros nos séculos XIX e XX ou dos metalúrgicos em meados do século XX ou ainda as diversas greves nos setores de transporte, tanto em níveis locais como nacional. Em outras vezes, ela começa em um setor social, por exemplo, o movimento estudantil e agrega a simpatia de outras categorias de trabalhadores como os operários ajudando a desenvolver um movimento ainda maior, como foi o Maio de 68.

As greves, sobretudo, as gerais que são comuns na França, costumam reunir diversos partidos políticos e centrais sindicais como seus organizadores. Algumas instituições são centenárias como a CGT (Confédération Générale du Travail), criada em 1895. Também é possível observar a participação de diversos outros movimentos sociais.

Apesar das tensões inerentes aos momentos de greves, por mais paradoxal que possa ser, os franceses parecem mais receptivos, mais simpáticos. São muito conhecidas as fotos em que grevistas posam para as máquinas que as registram. Em muitos casos, os sorrisos estão presentes.

Mas, além da aura poética de uma greve, ela exige um sacrifício muito grande dos grevistas franceses pois os dias de greve são descontados de seus salários. O que torna a situação de manifestações ainda mais delicada. Por isso, existem os fundos de greve. Por isso, também há contribuições através de vendas de adesivos, bandeiras, publicações. Para atenuar este prejuízo, algumas manifestações são marcadas aos sábados, onde não se trabalham e, portanto, não são descontados. Mas também não descansam.

* Marcelo Burgos/marceloburgs@uol.com.br/ Doutorando em Ciências Sociais pela PUCSP e pesquisador NEAMP.



Neamp

Pude observar alguns desses momentos, aqui reproduzidos. Com chuva ou com sol, vivenciar uma manifestação nas ruas francesas é uma experiência interessante. Cada grupo, partido político, sindicato, movimentos sociais desfilam pelas ruas e avenidas, com seus megafones, carros, bicicletas, faixas, panfletos, pronunciando reivindicações e palavras de ordem. Logo depois, passa outro grupo, seguido de outro e mais outro, sucessivamente. Por fim, os carros da polícia que acompanhavam para garantir o direito de manifestação. Muitas vezes, os pais fazem questão de compartilhar destes momentos políticos com seus filhos, alguns os carregam no colo ou empurram em carrinhos onde ficam mais protegidos da chuva, frio e neve.

Caminham, reclamam, reivindicam, em outras palavras, fazem história. Sempre sorrindo.



Banda anima os manifestantes



Festa durante a manifestação



Nem a chuva desanima os manifestantes



Multidão atrás de carro que vende bebidas para aguentar o frio



Neamp



Front de Gauche, um dos organizadores das greves



Ambulantes vendem publicações, adesivos para colaborar com os grevistas



As tradicionais bandeiras vermelhas não poderiam faltar



Os imigrantes ilegais também aproveitam para protestar e pedir sua legalização



Manifestantes do PCF (Parti Communiste Français)



Panfletos ao chão



Outros manifestantes



O carro das bebidas ajuda no frio e o vinho também anima a greve



Outro grupo de manifestantes



Homem com sinalizador em cima do ponto de ônibus